



DAMAS DO SÃO JOÃO: AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NAS/DAS QUADRILHAS JUNINAS NO INTERIOR DO CEARÁ

Thiago Silva de Castro¹
Antonio Cristian Saraiva Paiva²

RESUMO

Este texto parte de reflexões a respeito de processos vivenciados por grupos de quadrilha junina do interior do Ceará. A face desse movimento cultural que nos interessa aqui é a presença de mulheres travestis e transexuais no interior dessa manifestação, cujas existências nesse contexto suscitam questões capazes de promover importantes reflexões acerca da experiência de pessoas trans em nossa sociedade, uma vez que a quadrilha e as festas juninas, enquanto manifestação típica, fazem parte dos fluxos culturais que a caracterizam. Sob esse aspecto, o trabalho procura refletir sobre o lugar ocupado por essas pessoas dentro dessa expressão festiva, observando os contrastes e paradoxos contidos na vivência de tais indivíduos no âmbito da cultura junina a partir de seus próprios discursos. Tenta ainda captar os significados sociais atribuídos por tais pessoas a sua inserção nesse meio, buscando compreender em que medida essa experiência na quadrilha junina atua na consolidação de uma ideia de feminilidade para as mulheres trans no contexto em questão.

Palavras-chave: Quadrilha junina, Mulheres travestis e transexuais, Público LGBTT, Feminilidades *trans*.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende construir uma discussão a respeito da experiência de mulheres travestis e transexuais nas/das quadrilhas juninas competitivas³ do Ceará, mais especificamente da cidade de Sobral, no norte do estado. Visando contribuir com os estudos sobre a constituição da chamada manifestação junina na atualidade, tal como fazem Neto (2009;2015) e Luciana Chianca (2006), buscamos promover uma reflexão a respeito do universo estabelecido em torno da festa de *São João* e das quadrilhas juninas, seus discursos, práticas e valores. Nosso interesse

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (thiagonoda@hotmail.com);

² Professor e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC (cristianspaiva@gmail.com);

³ Chamamos de quadrilhas juninas competitivas aquelas que participam dos chamados *festivais de quadrilhas*, eventos competitivos realizados em diversas regiões do Ceará, nos quais os grupos disputam entre si por premiações em dinheiro. Esse movimento levou as quadrilhas a se transformarem em grupos organizados, que desenvolvem espetáculos durante vários meses, os quais são apresentados nos citados concursos ao longo dos meses de junho e julho de cada ano. As quadrilhas competitivas constroem lógicas e sociabilidades próprias, instituídas ao redor dos interesses estabelecidos pela competição. Para mais informações, ver: *Política das relações quadrilheiras: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar* (2018).



aqui, entretanto, ancora-se em uma face específica dessa expressão artístico-cultural hoje: a presença do público LGBTQTT nos diversos campos de sua produção e expressividade.

Cabe destacar que o protagonismo desse segmento nas quadrilhas juninas tem despertado aos poucos o interesse de pesquisadores da área das Ciências Sociais, já sendo verificados alguns trabalhos que buscam cruzar investigações a respeito das manifestações da cultura popular com os estudos sobre gênero e sexualidade. Um dos trabalhos mais emblemáticos envolvendo essa discussão é certamente o de Rafael Noletto (2016), que produz uma importante etnografia sobre o contexto das quadrilhas juninas de Belém do Pará, na qual aponta para a presença de uma diversidade sexual e de gênero, fortemente perpassada por marcadores de raça e classe social, compondo a face dessa manifestação cultural no cenário belenense. Tal aspecto também é percebido por Eduardo Di Deus (2014) na realidade do segmento junino da cidade de Rio Branco/AC e por Hayesca Costa Barroso (2017) no Ceará. O presente trabalho se detém a esta última realidade, pois, assim como a autora percebeu uma expressiva presença de gays, travestis e transexuais no universo junino do Ceará, também nos foi possível observar no interior da manifestação junina cearense, por parte de tal público, “[...] uma apropriação que extrapola o âmbito das *performances* cênicas das/nas quadrilhas juninas, mas que também ocupa os bastidores da festa, sua produção e também o seu consumo” (BARROSO, 2017, p.182).

A opção pelo enfoque da discussão na cidade de Sobral se dá pela longa participação de um dos autores do trabalho no contexto dos grupos juninos da referida cidade, e a escolha das mulheres trans como protagonistas se faz pela especificidade de suas experiências dentro de uma manifestação cultural simbolicamente marcada por ideais cis-heteronormativos. Em uma dança de pares, cuja imagem central é formada por homens e mulheres cisgênero encenando cavalheiros e damas, a figura da travesti e da mulher transexual diversas vezes representa um paradoxo para indivíduos *cis*. No entanto, apesar das ambiguidades, essas pessoas parecem encontrar na quadrilha junina um espaço de reconhecimento simbólico (OLIVEIRA, 2011), já que, diferente do que costuma ocorrer em outras dimensões da vida cotidiana, a discriminação e o não reconhecimento tácito de seus direitos identitários não parecem ser predominantes nas quadrilhas juninas, que na verdade são interpretadas por essas pessoas como contextos de agregação. Diante dessa percepção, o presente escrito visa estabelecer, a partir de uma perspectiva dialógica, uma reflexão a respeito do lugar das mulheres travestis e transexuais dentro da manifestação quadrilheira, tentando captar os significados que os sujeitos em questão

atribuem ao universo junino, bem como a contribuição desse espaço na afirmação de suas feminilidades.

METODOLOGIA

O texto está baseado em conversas realizadas com três mulheres trans participantes de quadrilha junina em Sobral - Andrink (Quadrilha Estrela do Luar), Islândia Nara (Quadrilha Luar do Sertão) e Helge Souza (Quadrilha Fulô do Campo) –, orientadas a partir da perspectiva da *entrevista compreensiva* (KAUFMANN, 2013, p.98-99), realizadas no início de 2018. O intuito de tais encontros foi a realização de um documentário em curta-metragem sobre a vivência dessas pessoas no universo quadrilheiro da cidade, intitulado de *O São João também é trans*. O filme foi desenvolvido em parceria com a quadrilha junina Estrela do Luar, da qual um dos autores do trabalho fazia parte, e a prefeitura municipal da cidade, por meio de um apoio captado via edital de incentivo. A *entrevista compreensiva* (KAUFMANN, 2013, p.98-99), que serviu de base para a condução da conversa com as interlocutoras, consiste em um modelo reflexivo e experimental orientado pelo pesquisador que visa reconstruir a identidade dos indivíduos a partir da fala elaborada com base no contexto em que estes se inserem cotidianamente. Esse tipo de entrevista, por sua constituição metodológica, visa minimizar a distância entre as entrevistadas e o pesquisador, embora admita o direcionamento deste, entretanto, parte de ideais pautados na experiência produzida nesse encontro de subjetividades, privilegiando a reflexão de si mesmo. As conversas que dão consistência a este texto são resultado desse esforço dialógico, cujo conteúdo pode ser conferido no tópico seguinte.

FEMINILIDADES TRANS NO CONTEXTO JUNINO

As pessoas de experiência trans na quadrilha junina cearense, ao que foi possível perceber, possuem uma inserção nesse contexto que se traduz na construção ou consolidação de uma identidade, que por sua vez extrapola os limites da manifestação cultural. O *ser quadrilheiro*, elemento que atua na subjetividade dos participantes estabelecendo um sentimento de pertencimento a partir da inserção e do contato dos indivíduos com aspectos próprios da cultura junina competitiva (CASTRO, 2018) atua sobre as mulheres travestis e

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

transexuais de modo específico, porém, também inscreve em suas experiências elementos subjetivos que atingem a todos os indivíduos que compõem o meio em questão. Tais aspectos podem ser percebidos na fala de Andrink sobre seu processo de inserção nesse meio:

Eu comecei a frequentar o Dom Expedito⁴, e lá eu me relacionei com uma pessoa que na época dançava numa quadrilha que era muito famosa: Atiçando fogo⁵. Então eu comecei a achar muito bonito aquilo. Eu não gosto muito de carnaval porque eu sou muito casa, mas era algo que eu achava muito bonito, muito lindo, então é tanto que eu nunca dancei um São João como homem, sempre foi como mulher. E hoje o São João, pra mim, é uma realidade. Durante o ano todo, a festa mais maravilhosa que existe pra mim é a festa do São João, sabe? Eu me realizo totalmente, é quando eu me sinto realmente a Andrinki, sabe? Quando eu tô dando o meu nome, quando eu tô dançando, quando eu tô me inspirando. Ave Maria! O São João, pra mim, hoje eu não sei nem explicar! Por exemplo, como eu falei, pra mim é o único divertimento que eu tenho o ano todo chama-se “São João”. São seis meses da minha vida que eu me dedico totalmente, tanto que eu me entrego de corpo e alma, procuro ajudar de todas as formas porque é uma festa, pra mim, muito importante, sabe?

O relato de Andrink é importante para se pensar a representatividade do universo simbólico composto pelas quadrilhas juninas competitivas no estado do Ceará. Ele traz elementos próprios do discurso da maioria dos quadrilheiros. Para essas pessoas, fazer parte de uma quadrilha junina é sinônimo de envolvimento e doação, em um misto de sentimentos que envolve paixão, encantamento, competitividade e a busca por um prestígio social cultivado dentro do meio constituído pelas quadrilhas. O que classificamos como “ser quadrilheiro” se refere a uma categoria de “autodefinição” (CASTRO, 2018), que embora possua uma classificação formal, estabelecida pela lei que cria o *dia do quadrilheiro*⁶, parece extrapolar tal conceituação nas práticas dos indivíduos, pois estas, como chama atenção Bourdieu (2011) em sua teoria da prática, formam o elemento central da vida social, sendo as ações e usos – mais que qualquer teorização ou definição cristalizadora – produtores de sentido. Por essa via, a subjetividade dos indivíduos praticantes da manifestação no interior de uma rede de relações dentro da qual as pessoas compartilham interesses, pensamentos e afecções é determinante para se pensar na relação construída entre os chamados quadrilheiros e o universo do qual, por meio da mediação das quadrilhas juninas, partilham.

Para além do traço sentimental que nossa interlocutora põe em evidência ao se referir à manifestação junina, ela expõe em sua fala algo que aparece deslocado, mas que parece

⁴ Bairro da cidade de Sobral;

⁵ Quadrilha junina sobralense muito conhecida entre as décadas de 1990 e 2000, hoje extinta;

⁶ <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/03/04/sancionada-lei-que-institui-o-dia-nacional-do-quadrilheiro-junino>

desnudar uma tensão. Diz que *nunca dançou um São João como homem, apenas como mulher*. Essa fala nos leva a perceber um paradoxo, pois ela traz inclusive um tom de orgulho, o que denota que tal fato se expressa como um privilégio de que nem todas as mulheres trans que dançam quadrilha junina podem usufruir. Esse foi, por exemplo, o caso de Islândia Nara, que dança no mesmo grupo junino desde 2001, mas, segundo disse, só teve a oportunidade de assumir sua identidade de gênero em 2008, decisão essa que não dependeu dela, mas foi facultada a terceiros. Ela conta que já não se sentia à vontade no papel masculino, mas não tinha a permissão para assumir a performance da dama:

Foi desde o dia em que eu botei uma saia, que eu fiz o marca-passo⁷, que eu joguei meu cabelo, eu disse assim: não, não é pra mim dançar de homem mais. Em 2008 eu ensaiei de homem ainda até março, aí foi que contrataram o Paulo Duley⁸ lá de Camocim⁹, ele me observou dançando de homem, não gostou e mandou eu colocar uma saia, fazer o marca-passo e rodar. Aí ele disse: “Não, não dá pra tu dançar de homem, tu vai dançar é de mulher!” Aí eu peguei e disse: Não, os meninos não vão deixar, porque eu sou magra, não tenho corpo de mulher, não sou afeminada ainda... [...]. Aí quando foi um dia, passou uma semana eu ensaiando de homem. E eu: Cadê? Tu não disse que eu ia dançar de mulher? Os meninos não vão deixar, e ele: “te acalma, que vai dar certo!”. Quando foi numa terça-feira fizeram a formação da quadrilha, aí o Jardel [presidente da quadrilha em que ela dança] conversou com todo mundo, né? Disse que ia ter uma troca. Todo mundo pensava que já era coisa de destaque, só que não era. “O Thomas, a partir de hoje, não é mais Thomas, agora ele é Islândia, ele vai dançar de mulher.” Fui lá no céu! Joga purpurina pra cima! Que a minha felicidade era dançar de mulher! Aí eu chorei nesse dia. Aí todo mundo me abraçou e tal...

Para Rafael Noletto (2016), no interior do universo junino, travestis e transexuais, ao lado de outros sujeitos que subvertem as normas de gênero – como homens gays que se vestem de mulher – portam uma *feminilidade indesejada*, cuja presença só é percebida com naturalidade caso possa se tornar praticamente invisível, por meio de uma construção imagética que faça dessas pessoas o mais parecido possível com o modelo da mulher *cis gênero* dentro da dança junina. Esse processo resulta da quadrilha junina encarada como uma técnica (CASTRO, 2018), como um aprendizado através do corpo (MAUSS, 2003), cujo papel também é estabelecer os comportamentos estéticos e sociais referentes a homens e mulheres dentro da dança, pois como lembra Berenice Bento (2006, p.26), o gênero se faz por meio de atos corporais, estéticos e linguísticos.

⁷ Passo base da quadrilha junina, que serve de referência para os movimentos coreográficos do grupo;

⁸ Coreógrafo que desenvolveu trabalhos em diferentes quadrilhas juninas na cidade de Sobral. Vale ressaltar que, na quadrilha Junina, o coreógrafo, mais do que montar coreografias, é uma espécie de diretor artístico, que cria, desenvolve e dirige um espetáculo de artes integradas;

⁹ Cidade do litoral cearense.

Essa invisibilidade de que trato aqui se remete a aquisição de traços performáticos condensados na personagem da dama junina, cuja composição exige não somente movimentos que expressem uma delicadeza no bailado e expressões, mas sobretudo na vestimenta. Tais aspectos visam padronizar o que viria a ser uma mulher no jogo de cena que compõe a apresentação de uma quadrilha junina, cujo objetivo seria expressar um ideal de delicadeza, graciosidade e elegância, ao contrário dos cavalheiros, cuja postura deve manifestar garra e virilidade, sempre em uma posição de cortejo à dama, por ele conduzida na maior parte dos passos. Essa composição generificada da dama é bem explanada por Andrink quando discorre sobre suas afecções no processo de composição de tal personagem:

Quando eu tô dentro de quadra eu me sinto a verdadeira mulher. Porque só o prazer de estar vestindo aquele vestido, todo aquele detalhe de vestir a meia, calçar o sapato, fazer penteado, colocar um arranjo, então... São todos os pontos que uma mulher faz, tá entendendo? Não é só ser uma travesti, vestir uma saia, uma blusa e sair na rua... Não! É todo um projeto pra gente ficar realmente uma mulher, entendeu? E quando a gente tá dançando a gente tá lá como personagem, porque lá, por debaixo do vestido, ninguém sabe o que é. A gente tá vestida, a gente é uma mulher. Então por isso que eu lhe digo que eu me sinto muito mais mulher, porque eu sou vista como: “ah, é aquela mulher ali que dança naquela quadrilha”, então eu sou apontada como “a mulher”. As pessoas me apontam como “a mulher”, aquela mulher que dança na ponta, aquela que tá com o vestido tal... Então, isso pra gente é muito prazeroso, porque as pessoas veem e apontam a gente como “a mulher”.

A fala de Andrink se mostra rica para uma reflexão acerca da representação da quadrilha junina para as mulheres trans. Para ela, o ato de dançar quadrilha parece legitimar de algum modo sua feminilidade, o que, pelo que se pode depreender de sua fala, não ocorre em todos os espaços. Padronizar-se, vestir-se e comportar-se como as demais damas da quadrilha junina, por algum motivo, faz Andrink se sentir *mais mulher*, pois nesse contexto suas singularidades de pessoa trans ficariam, pelo menos de acordo com sua interpretação, menos evidentes.

É interessante notar que nossa interlocutora traz a montagem da dama, em sua fala, como um *projeto*, dando a ideia de que se trata de algo que requer uma dedicação e um certo investimento estético, que no caso de uma travesti representaria um esforço de invisibilizar ao máximo qualquer traço que possa vir a ser interpretado como masculino. Faz-se relevante destacar ainda o seguinte trecho: *porque lá, por debaixo do vestido, ninguém sabe o que é*. Aqui, Andrink parece apontar para a dimensão simbólica da genitália na experiência travesti, indicando que sua identidade de gênero não costuma ser questionada no espaço da quadrilha junina, por estar vestida e maquiada exatamente do mesmo modo que as mulheres cisgênero participantes dessa manifestação, levando-nos a inferir que tal fato não costuma ser recorrente em seu cotidiano. Nesta dimensão, a atmosfera da quadrilha faz de Andrink *não ser só uma*

travesti, como a própria narra, mas se sentir como uma mulher cisgênero, encarada como igual a ela.

Apesar dos apontamentos acima, cabe destacar que essa percepção da mulher trans como igual à cisgênero nem sempre se manifesta como uma máxima. Outra entrevistada, Helge Sousa, descreve bem as tensões envolvidas nessa busca por ser percebida como “igual” dentro e fora da manifestação quadrilheira, mesmo ocupando tacitamente o lugar de dama junina. Helge é lembrada em Sobral por ter sido a primeira mulher transexual a ocupar o cargo de rainha em uma quadrilha junina da cidade, no ano de 2005, quando estas questões sequer ainda eram tratadas nesse contexto. A personagem da rainha é emblemática dentro da performance artística de uma quadrilha junina. Considerada um papel de destaque dentro do ritual festivo, ela representaria *a mulher mais bela do arraial* (CASTRO, 2018), e, embora ocupe um lugar de menos passividade em relação às demais damas, por ser dona de uma dança mais independente de seu par em determinados momentos, seus aspectos estéticos também trabalham no sentido de reproduzir um ideal binário de gênero. Helge diz:

Quando foi pra eu ser rainha na Botando Quente¹⁰, antigamente era assim: o dono não chegava na pessoa e dizia “você vai ser minha rainha”. Não. Tinha uma disputa das meninas. Quem queria ser rainha, se fosse cinco, ele dava uma quantidade certa de cartelas de bingo pra gente vender. Quem vendesse mais, ia ser a rainha. Aí em 2004 eu entrei na disputa, né? Só por brincadeira! Não ganhei, mas eu fiquei em segundo lugar. Aí em 2005 era eu e mais duas amigas minhas. Aí não sei o que foi que deu, eu fui e ganhei. Aí eu falei: e aí Lucielane [presidente do grupo], como é que vai ser? Ele disse: “você não ganhou? Então vai ser você”. E não vai ter problema não? “Não, tem não, eu acho que não”. Aí foi... Na quadrilha, eu fui aceita totalmente, menos uma pessoa.

Mais à frente, após discorrer sobre sua escolha como rainha, a interlocutora lembra que sua ascensão ao cargo causou uma polêmica dentro do contexto quadrilheiro da cidade:

Foi até que teve um debate lá nesse mesmo ano, antes do festival, quando descobriram que eu ia ser rainha. Eles debateram lá numa reunião que teve na Casa da Cultura¹¹. Aí perguntaram: e se a rainha for uma trans? Aí eles falaram que não tinha nenhum problema, porque na capital já teve essas coisas, já tinha antigamente, aí ficou tudo bem. Teve um rapaz de outra quadrilha, lá do Sinhá Sabóia, que ele não gostou disso aí. Ele ficou debatendo toda vez, aí pronto. Mas também depois daí eu não quis mais não, porque é uma coisa que pesa demais na consciência da gente, e a comunidade aqui também não apoiou.

A ideia de tradicionalidade dentro do contexto das quadrilhas juninas tende a reforçar, dentre outros aspectos, um demarcado binarismo de gênero. Um dos motivos para isso é a

¹⁰ Quadrilha junina sobralense muito conhecida, hoje extinta.

¹¹ Casarão histórico onde funciona a sede da política de Cultura na cidade de Sobral.

presença do casal de noivos, que dentro da tradição junina do estado do Ceará são considerados os personagens mais importantes, são *os donos da festa* (CASTRO, 2018). O noivo representaria um ideal de cavalheiro, viril, valente e protetor da dama, enquanto a noiva seria uma jovem romântica e frágil mulher, com uma agência reduzida em relação ao cavalheiro. A quadrilha seria dançada em homenagem aos noivos, cujo casamento é encenado após uma série de barreiras enfrentadas pelo casal, sendo a principal a proibição por parte da família da moça. Esse casal, em geral, serve de modelo imagético central para a composição performática dos demais pares da quadrilha. Esse modelo ideal, evidentemente, não abre espaço para uma experiência trans em sua composição.

O fato de Helge ter passado por resistências quanto à ocupação do cargo de rainha demonstra fortemente o peso que essa “tradicionalidade” contida no papel de dama e cavalheiro possui no imaginário coletivo. Para alguns, colocar uma mulher transexual em uma posição de tanto destaque não seria algo palatável, afinal, as quadrilhas estariam repletas de mulheres *cis* para ocupar esse lugar – o que, dentro de uma lógica hegemônica, seria o ideal. Se mulheres travestis e transexuais são portadoras, como diria Noletto (2016), de uma *feminilidade indesejada*, que necessitaria ser invisibilizada, o papel de destaque representado pela figura da rainha não seria indicado para essas pessoas, uma vez que tais posições costumam conceder bastante visibilidade àquelas que são postas nessa condição. Embora tenha havido uma aceitação por parte das pessoas de sua própria quadrilha, como afirma Helge, a exposição de sua participação ao crivo de um universo maior de pessoas e as divergências que tal fato causou nesse âmbito a fizeram repensar seu interesse pelo papel de rainha, levando-a a não mais querer esse lugar de *visibilidade*. Por outro lado, para essas pessoas, o universo simbólico das quadrilhas juninas, mesmo com a presença de limitações, é encarado como uma alternativa diante de uma realidade, na maior parte das vezes, hostil a quem é visto como dissidente. É o que conta Islândia Nara:

Já me tirou de muita coisa, o São João... Me tirou de droga! Porque eu já usei droga, com uns 16 anos... Me tirou de muita coisa! Já pensei em andar em posto pra me vender... Ele me tirava! Os ensaios¹² eram na semana, aí não tinha como eu ir com as amigas pra lá, porque tinha ensaio... Eu preferia está no ensaio do que tá me vendendo. Nunca pensei em me vender. Ia pra seresta com as minhas amigas, elas saíam e eu não ia, porque eu nunca tive essa vontade. Meu negócio era quadrilha.

¹² Os ensaios são os momentos de preparação e montagem do trabalho que a quadrilha apresentará durante os meses de junho e julho. Duram, em média, um período de seis meses.

A experiência socializadora do contexto quadrilheiro é, segundo Islândia Nara, responsável, em muitos aspectos, por direcionar a vida dos indivíduos que nele estão intensamente inseridos, em especial de mulheres travestis e transexuais. Segundo ela, a experiência de *dançar São João* teve muita representatividade em sua vida. Ela acredita que se não fosse por sua inserção nesse meio, hoje *poderia estar nas drogas ou assassinada*. Para exemplificar tal argumento, conta a história de uma amiga que, segundo ela, teve esse destino.

A gente foi criada quase juntas. A gente se tinha como irmãs, eu e ela. Era uma amizade forte, mesmo tendo nossas desavenças, de pequenas até nós grandes. Era uma amiga mesmo de coração que eu tinha, aliás, tenho até hoje, né? [pausa. A entrevistada se emociona] Aí 2012 foi o ano que ela conheceu pessoas que andam no posto¹³, onde as meninas fazem programa. Ela: “bicha, esse é meu último ano, eu vou seguir outra vida!” E eu disse: que vida, viado? “Vou começar a fazer programa, ganhar dinheiro, já que eu não tenho estudo, e a senhora já trabalha, tem seu estudo”... E eu: não... eu tenho estudo, mas eu não terminei ainda, eu parei, tu sabe que eu parei. E eu disse: mulher, vai estudar, pra tu ir pra Grendene¹⁴. E sempre eu dizia pra ela: bicha, quando estiver trabalhando eu vou alugar uma casa, e vai morar nós duas dentro. Só que a gente começou andar em seresta, começou a andar nessas coisas e ela começou a usar droga. Não vou mentir, usei sim com ela, não vou mentir... Mas eu vi que ali não era meu rumo, não era minha vida usar droga. Minha vida era estudar, trabalhar e ajudar a minha mãe e meus amigos que precisavam. Aí foi que ela começou... Parou de dançar quadrilha, parou de ser, como é que se diz... Uma trans que gosta de andar arrumada, maquiada, essas coisas... Parou totalmente! Só sabia dali, que eu chamo ali não é posto não, ali é um inferno. Aí quando foi 5 horas da manhã, que eu me acordei pra ir trabalhar, eu escutei as primas dela tudo chorando. E eu: valha! O que foi que aconteceu? Aí a prima dela me mandou uma mensagem: “acabaram de matar a Priscila”. Aí meu mundo caiu!

Esse trecho da entrevista de Islândia joga luz sobre os processos materiais e simbólicos presentes na experiência trans em nossa sociedade. Ao narrar a história da morte de sua amiga Priscila, ela aponta de modo taxativo os espaços geralmente relegados a pessoas com existência semelhante à sua. Segundo Luma Nogueira de Andrade (2012), que pesquisou a vida escolar de travestis no estado do Ceará, há uma imagem hegemônica em torno dessas pessoas, a partir da qual “[...] a travesti é rejeitada pela família, escola ou sociedade, tendo como única saída à prostituição.” (ANDRADE, 2012, p.15). Para a pesquisadora, que é travesti, esse modelo ainda é uma realidade persistente como alternativa de vida para tais pessoas, entretanto, afirma que isso também é parte de um imaginário em torno dessas existências, que certamente atua na conformação dessa exclusão social. Para ela, as jovens travestis já demonstrariam sinais de

¹³ Posto de gasolina situado na saída de Sobral, à beira da rodovia que liga a cidade à capital, Fortaleza.

¹⁴ Grandê indústria do setor calçadista instalada na cidade de Sobral.

ruptura com esse estereótipo, cuja ação contribuiria para uma imobilidade social de tais agentes. Conforme escreve, “Mesmo consideradas à margem da sociedade, elas sobrevivem, a exemplo das travestis estudantes, funcionárias públicas, educadoras, etc.” (ANDRADE, 2012, p.15).

Islândia, em certa medida, representaria essa face narrada por Luma, uma vez que, contrariando as expectativas sociais, nas quais uma pessoa trans no Brasil vive em média apenas 35 anos¹⁵, conseguiria estudar e, posteriormente, trabalhar. Na época em que foi entrevistada, Islândia era funcionária da prefeitura de Sobral, atuando como auxiliar de serviços gerais em um espaço destinado a jovens periféricos da cidade. Embora sua profissão não costume ser vista com prestígio, ela considerava uma vitória ocupar esse lugar que, segundo disse, teria sido negado à Priscila, sua amiga assassinada em uma zona de prostituição. A história de Priscila, por sua vez, encarnaria o exato oposto dessa vivência, representado pela imagem criticada por Luma como conformadora da experiência travesti em nossa sociedade, que, mais do que estigmatizante, contribuiria para a perpetuação da exclusão dessas pessoas. À época do assassinato de Priscila, Islândia era operária em uma famosa fábrica de calçados da cidade, trabalho que conseguiu por ter algum grau de escolaridade, ainda que incompleto. Tal aspecto era percebido pela amiga como um privilégio do qual ela não teve como usufruir e que, segundo nossa interlocutora, teria sido determinante para seu trágico fim. Segundo contou, Islândia voltou a estudar, tem planos de fazer um curso técnico e ter uma profissão, contrariando os prognósticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomarmos como exemplo o caso Islândia Nara, é possível notarmos que a quadrilha junina aparece como um fator de reconhecimento simbólico para ela. Mais que isso, a teria – a partir da convivência com outras pessoas interessadas nos mesmos assuntos e práticas que ela – levado a construir uma trajetória diferente da que se desenha para a maior parte das mulheres travestis e transexuais em nossa sociedade. Obviamente, faz-se necessário tomar os devidos cuidados para não construir uma narrativa salvacionista e redentora em relação à manifestação junina, mas as falas aqui destacadas parecem deixar evidente a importância que esse universo tem para as pessoas enfocadas na busca por reconhecimento e construção de uma identidade

¹⁵ <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>

menos marginal. As contradições verificadas no campo da aceitação da identidade das mulheres trans se manifestam como influências da estrutura ritual da dança junina, cuja divisão fixa entre damas e cavalheiros tende a reafirmar a cisgenderidade como corporalidade e subjetividade dominantes, tendendo, em muitos momentos, a naturalizar as transexualidades como “inadequadas”.

O que parece chamar atenção é a ambiguidade demonstrada nas falas de nossas interlocutoras, que denotam uma permanente condição de liminaridade (TURNER, 2005) dentro do meio em questão, por encarnarem, na concepção das demais pessoas da realidade social em questão, uma existência desenhada no “entre”, em transição, mais especificamente, entre diferentes representações de gênero cristalizadas no processo social vivido. Essa percepção dos indivíduos em geral a respeito das mulheres trans na quadrilha, explanada indiretamente pelas entrevistadas na narrativa de suas experiências, precisa ainda ser melhor pesquisada e desenvolvida. Tal aspecto será melhor explanado em investigação posterior, mas os indícios aqui apontados concedem algumas pistas importantes na busca por delinear etnograficamente esse espaço simbólico reservado às mulheres trans na quadrilha junina hoje. Vale ressaltar, entretanto, que no que se refere a essas próprias pessoas, não parece haver qualquer dúvida quanto à forma como se enxergam não só contexto junino, mas no mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Fortaleza: Faculdade de Educação/UFC, 2012.

Bourdieu, Pierre. **O senso prático**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BARROSO, Hayeska Costa. O São João é gay!: horizontes interpretativos sobre performances trans na festa junina no Ceará. In: **Revista Periódicus**, v. 1, p. 179-197, 2017.

CASTRO, Thiago Silva de. **Política das relações quadrilheiras: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar, em Sobral/CE**. Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/UFRN, 2018.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. A dimensão simbólica dos direitos e a análise de conflitos. In: **Revista de Antropologia**. Volume 53(2) 451-473, 2011.

DI DEUS, Eduardo. Quadrilhas Juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre. In: **Soc. e Cult.** Goiânia. V.17, n.1, p.75-85, jan./jun. 2014.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para a pesquisa de campo. Traduzido por Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NETO, Hugo Menezes. **O balancê no Arraial da Capital**: Quadrilha e tradição no São João do Recife. Recife: Ed. do Autor, 2009.

NOLETO, Rafael da Silva. **Brilham Estrelas de São João**: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém/PA. São Paulo: USP, 2016.

TURNER, Victor. **A floresta dos símbolos**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2005.